

ENTRE ONTEM E AMANHÃ: HETEROTOPIAS JORNALÍSTICAS NO JORNALISMO DIGITAL

*BETWEEN YESTERDAY AND TOMORROW: JOURNALISTIC HETEROTOPIAS IN
DIGITAL JOURNALISM*

*ENTRE EL AYER Y EL MAÑANA: HETEROTOPÍAS PERIODÍSTICAS EN EL
PERIODISMO DIGITAL*

Luísa Michels Surdi ¹

luisa.michels@posgrad.ufsc.br

Beatriz Marocco ²

luisa.michels@posgrad.ufsc.br

RESUMO

Este artigo propõe compreender o jornalismo digital como uma heterotopia temporal, a partir das contribuições de Michel Foucault (2013) e do diálogo com a leitura de Marocco (2004), articulando essas perspectivas a estudos sobre temporalidade jornalística e transformações do ambiente digital. Parte-se da premissa de que o jornalismo não atua apenas como prática que organiza socialmente a experiência do tempo, reforçando a centralidade do presente. Ao explorar as noções de heterotopia e heterocronia, o texto discute o caráter efêmero do jornalismo, retomando a compreensão de Marocco (2004) sobre a efemeridade como traço constitutivo da prática jornalística e refletindo sobre sua intensificação na cultura digital.

Palavras-chave: Heterotopias. Jornalismo. Temporalidade.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC). O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, Brasil): processo 131971/2025-5.

² Professora visitante da Universidade Federal de Santa Catarina 2024/2025.

ABSTRACT

This article proposes understanding journalism as a temporal heterotopia, based on Michel Foucault's contributions (2013) and in dialogue with Marocco's reading (2004), articulating these perspectives with studies on journalistic temporality and transformations in the digital environment. It starts from the premise that journalism not only operates as a practice that socially organizes the experience of time, reinforcing the centrality of the present. By exploring the notions of heterotopia and heterochrony, the text discusses the ephemeral character of journalism, revisiting Marocco's (2004) understanding of ephemerality as a constitutive trait of journalistic practice and reflecting on its intensification in digital culture.

Key words: Heterotopias. Journalism. Temporality.

RESUMEN

Este artículo propone comprender el periodismo como una heterotopía temporal, a partir de las contribuciones de Michel Foucault (2013) y del diálogo con la lectura de Marocco (2004), articulando estas perspectivas con estudios sobre la temporalidad periodística y las transformaciones del entorno digital. Se parte de la premisa de que el periodismo no solo actúa como una práctica que organiza socialmente la experiencia del tiempo, reforzando la centralidad del presente. Al explorar las nociones de heterotopia e heterocronía, el texto discute el carácter efímero del periodismo, retomando la comprensión de Marocco (2004) sobre la efimeridad como rasgo constitutivo de la práctica periodística y reflexionando sobre su intensificación en la cultura digital.

Palabras clave: Heterotopías. Periodismo. Temporalidad.

Em um mundo no qual a informação flui cada vez mais rápido, a relação entre tempo e jornalismo assume contornos ainda mais complexos. O jornalismo não é uma mera forma de registrar fatos, é uma prática baseada em noções de temporalidade (Dalmonte, 2010), que relata eventos do tempo presente e atua de forma privilegiada como reforço de uma temporalidade social (Franciscato, 2005). Sob a ótica das heterotopias foucaultianas, o jornalismo pode ser compreendido como espaço de uma coexistência inusitada de temporalidade no qual o passado recente é constantemente mobilizado para contextualizar o presente, enquanto futuros imediatos são projetados a partir do agora, em um movimento contínuo de atualização ancorado no tempo presente.

No contexto da digitalização e da expansão da internet, essa configuração temporal é tensionada por novas lógicas de produção, circulação e consumo de notícias. A atualização contínua, a circulação em tempo real e a competição permanente pela atenção intensificam a compressão do tempo jornalístico, ao mesmo tempo em que ampliam as possibilidades de armazenamento, recuperação e recontextualização de conteúdos. Desse modo, o jornalismo digital passa a operar em uma temporalidade marcada pela aceleração do fluxo informativo, alterando não apenas o modo como as notícias são produzidas e distribuídas, mas também as formas de perceber, interpretar e se relacionar com o mundo social (Zamith; Braun, 2019).

É nesse cenário que emerge o problema central deste trabalho: como compreender a heterotopia jornalística (Marocco, 2004), sob o viés temporal, em um ambiente marcado pela intensificação da efemeridade e pela sobreposição de múltiplos tempos? Se, conforme aponta Marocco (2004), a efemeridade constituiu um traço definidor do jornalismo impresso do século XIX, seria possível afirmar que, no ciberespaço, essa condição se tornou ainda mais fugaz?

Sem a pretensão de oferecer respostas definitivas, mas de lançar novas ideias, este trabalho busca aprofundar a reflexão sobre as heterotopias, expandindo a proposta de Marocco (2004, p.80), de que o jornal pode ser considerado “como uma nova forma de ‘heterotopia’”, e deslocando-a para o contexto contemporâneo do jornalismo digital. Para tanto, retoma a noção foucaultiana de heterotopia em diálogo com autores que pensam o jornalismo, a Modernidade, a aceleração social e a tecnologia, refletindo sobre como as relações entre tempo, jornalismo e internet reconfiguram os modos de

produção, circulação e consumo das notícias, bem como as experiências temporais que estruturam a vida social.

1 TECNOLOGIA, VELOCIDADE E TRANSFORMAÇÃO DA TEMPORALIDADE JORNALÍSTICA

Quando surgiu, o jornal atendia, em especial, à classe burguesa, suprimindo sua necessidade de conhecimento rápido e confiável, mas conforme foi se consolidando, alcançou todas as camadas sociais e passou a integrar um local de poder na sociedade e nos Estados modernos, mediando o conhecimento sobre diversas áreas da vida, da cultura e da sociedade. Até hoje esta é a tarefa do jornal.

Os jornais e as revistas, com a massa desmedida de material acumulado por eles e a constância e a frequência, a velocidade e a precisão da sua retransmissão, tornaram-se a ferramenta mais fantástica que a sociedade moderna tem à sua disposição para informar os indivíduos sobre os mundos, sobre o ser e o acontecer natural, social e cultural destes (Groth, 2011, p. 171).

Desde a época dos primeiros jornais diários³, a inalcançável sincronia entre acontecimento e publicação é tida como ideal e as publicações deveriam ter intervalos os mais breves possíveis. A concorrência entre as empresas jornalísticas e o ritmo de vida nas cidades cada vez mais acelerado propiciaram o surgimento de edições matutinas e vespertinas, diminuindo ainda mais o período de tempo entre as edições. Ainda assim, edições extra eram vendidas quando fossem necessárias e convenientes. Neste contexto, surge a *penny press*, periódicos vendidos por um centavo de dólar. Por venderem milhares de exemplares todos os dias, esse tipo de jornal representou mudanças na temporalidade de produção de notícias, promovendo a velocidade a qualquer custo. “Havia um esforço para manter os leitores informados com rapidez”, afirma Franciscato (2005, p.62).

³ Na virada do século XIX, os jornais diários passaram a ser os mais populares nos países europeus, que eram editados seis vezes na semana (Groth, 2011). O primeiro jornal diário, porém, começou a circular no século XVIII, começando com o *Daily Courant* em 1702. Nos Estados Unidos o primeiro diário data de 1784 (Franciscato, 2005).

O jornal acompanha as mudanças culturais e sociais de cada época, além das mudanças tecnológicas. A revolução nos sistemas de transmissão de informação ampliou tanto a velocidade quanto a quantidade de dados em circulação, abrindo novas possibilidades para a transmissão. Os serviços de correios, o telégrafo e o telefone são alguns exemplos dessa evolução. Com tamanha velocidade do fluxo de informações, o jornalismo consolida-se como um catalisador no estabelecimento das comunidades (Anderson, 2008) ao mesmo tempo em que atua como um “reforço de uma temporalidade social, enquanto produtor de formas específicas de sociabilidade” (Franciscato, 2005, p.15). Sua contribuição “para a constituição de referências que permitiriam compor uma concepção do que é presente na vivência pública” (Franciscato, 2005, p.79) é inegável. Principalmente, fortalece um tempo hegemônico (Santos, 1996) e reforça formas de a sociedade vivenciar uma experiência coletiva do tempo presente (Storch; Guedes, 2021).

Essas inovações impactaram a temporalidade jornalística em diversos aspectos, como a transmissão de conteúdos, tornando mais fácil os relatos dos jornalistas para as redações e modificando os modos de produção jornalística (Franciscato, 2005). Assim, cria-se um novo conceito de brevidade. Com a disseminação do rádio e, posteriormente da televisão, que diminuíram as distâncias físicas e desenvolveram o conceito de ao vivo, os sentidos de instantaneidade, simultaneidade e periodicidade foram se modificando (Franciscato, 2005). De acordo com Meditsch (2001), a simultaneidade entre a enunciação e o acontecimento externo e entre a enunciação e a recepção do enunciado promove a superação do período. Por conta da simultaneidade, o jornalismo sobrepassa o presente e antecipa o futuro. Seu objetivo é sempre diminuir o espaço de tempo entre acontecer e mediar (Groth, 2011).

No final do século XX, a internet surge como um novo espaço para a dinâmica das comunicações sociais, permitindo que as pessoas compartilhem informações mais rápido e com maior interatividade, através de novos canais e com informações plurais (Costa; Carvalho, 2021). Essas transformações, ainda de acordo com as autoras, também atingem o jornalismo, que não pode ignorar a necessidade de estar presente neste novo ambiente e deve se apropriar de suas ferramentas e das tecnologias. Duarte

et al. (2016) afirmam, inclusive, que o jornalismo está cada vez mais dependente das tecnologias de comunicação, dentre elas, as redes sociais digitais.

Assim como se adaptou ao rádio e à TV, o jornalismo precisou se adaptar ao ambiente digital, assimilando uma velocidade que é cada vez maior, com intervalos cada vez menores entre as publicações. O ambiente digital alterou a forma de se consumir notícias. “O ciclo de notícias tornou-se 24/7 — não para, é 24 horas por dia, sete dias por semana — porque as vidas dos americanos tornaram-se 24/7” (Kolodzy, 2009, p. 39, tradução nossa⁴). Por sua forma de existir, esse ambiente preconiza o urgente e o instantâneo, e a instantaneidade cria um sentimento de que o tempo de ocorrência de um evento está cada vez mais próximo do tempo de sua recepção (Franciscato, 2015).

O jornalismo está inserido neste ambiente e se consolida nessa lógica imediatista contribuindo para alimentá-la e potencializando o desejo pelo novo e por aquilo que se dá neste tempo presente. Podemos dizer, então, que o jornalismo, ao mesmo tempo em que é impulsionado por essa lógica do meio digital, também atua como agente propulsor dessa aceleração, influenciando diretamente a forma como o público experimenta o tempo.

Essa dinâmica cria um ciclo retroalimentado — quanto mais rápido o jornalismo opera para atender às exigências do tempo presente, mais o público é condicionado a esperar por atualizações constantes, imediatas e efêmeras. Essa expectativa por novidade contínua contribui para uma compressão do tempo, na qual o passado rapidamente se torna obsoleto e o futuro é constantemente antecipado. A experiência temporal do público, portanto, é moldada por essa cadência informacional incessante, fazendo com que o agora se torne o único tempo realmente valorizado. Nesse cenário, o jornalismo não apenas reflete as transformações tecnológicas e culturais do tempo digital, mas também as reforça e intensifica, tornando-se peça-chave na aceleração do ritmo social contemporâneo.

⁴ No original: “The news cycle has become 24/7 — nonstop, 24 hours a day, seven days a week — because American lives have become 24/7” (Kolodzy, 2009, p. 39).

2 O JORNALISMO DIGITAL COMO HETEROTOPIA

Heterotopias são, nas palavras de Foucault (2013, p.115), “utopias efetivamente realizadas”. São lugares reais, outros lugares, fora de todos os lugares, embora possam ser localizados. Elas têm “o poder de justapor em um único lugar real vários espaços, várias alocações que são em si mesmas incompatíveis” (Foucault, 2013, p. 118). São lugares em que há uma ruptura da norma aceita dentro da sociedade.

O ambiente virtual, ou ciberespaço, é um lugar, como o próprio nome nos diz, que cria sentidos e participa do imaginário partilhado por indivíduos de uma determinada cultura. Esse lugar se distingue dos demais lugares físicos, que são palpáveis e concretos. Ele se configura como um “lugar de atualizações, conexões, nós. Esse lugar complexo nos confunde se nos empenharmos em localizá-lo geograficamente, porque está presente em vários lugares e, ao mesmo tempo, em lugar algum” (Mazzola, 2010, p.55).

Foucault (2013, p.116), nos diz que “não existe uma só cultura no mundo que não constitua heterotopias. [...] Contudo, as heterotopias assumem evidentemente formas muito variadas, e talvez não se encontre uma única forma de heterotopia que seja absolutamente universal”. Dessa forma, as diferentes maneiras de perceber os espaços em diferentes épocas nos ajuda a perceber as características que os ambientes virtuais herdam dos ambientes físicos.

Como já debatido, o ambiente virtual não é um espaço físico, pois existe no interior de uma projeção e, assim como o cinema, tem a sua materialização em uma tela. Para Foucault (2013, p. 118), o cinema é um exemplo de heterotopia pois “é uma sala retangular bem curiosa, no fundo da qual, sobre uma tela de duas dimensões, se vê projetar-se um espaço de três dimensões”.

A natureza da heterotopia de armazenar vários espaços sobrepostos, constituindo-se como espaço-outro, estende-se para o ambiente virtual. Nele, não só confluem textos, sons, imagens fixas ou em movimento, mas também espaços de comunicação que utilizam todos esses elementos, espaços de relacionamentos, de resgate de afetividades, de arquivamento de memórias, de representações icônicas, de encontros, de trocas, de viagens, de conhecimento, de ausência de regras, de coisas inúteis; é um espaço da informação, sobretudo, em suas diversas formas. Não é somente a sobreposição

desses elementos que o caracteriza, mas também a interconexão de todos eles, seus links, suas redes, seus labirintos (Mazzola, 2010, p.57).

Essa mesma lógica pode ser aplicada ao jornalismo digital que, ao contrário dos jornais impressos, possuem a sua materialidade na tela e carregam também as características heterotópicas atribuídas ao ambiente virtual. Marocco (2004) considera o jornal do século XIX uma forma de heterotopia por apresentar características que se ajustam ao conceito de Foucault, caracterizado como uma heterotopia de desvio. Aqui, damos um passo à frente ao abordar o jornalismo digital, porém, abordando-o como uma heterotopia do tempo.

As heterotopias estão frequentemente associadas a recortes de tempo, aos quais Foucault chama de heterocronia. As relações entre heterotopia e heterocronia são intrincadas, dada a existência de dois tipos de heterotopia do tempo. Esses espaços têm a característica de possuir uma cronologia diferente da normal. O primeiro tipo engloba aquelas em que o tempo se acumula indefinidamente, como museus e bibliotecas, nos quais “o tempo não cessa de se amontoar e de se sobrepor a si mesmo” (Foucault, 2013, p. 119). Tais heterotopias constituem um lugar de todos os tempos, que organiza e acumula o tempo. A biblioteca e o museu são heterotopias características da modernidade, produtos da cultura ocidental do século XIX, assim como o jornal, que, também sendo fruto da Idade Moderna (Groth, 2011), serve como uma espécie de “arquivo geral⁵”.

No ambiente digital, o jornal passa a atuar como esse território em que é possível acessar saberes e informações de todos os tipos de qualquer lugar do mundo. E assim como as demais heterotopias, possui regras próprias de funcionamento e de controle. Assim, o passado não precisa mais ser resgatado no ambiente físico das bibliotecas, pois coexiste na mesma superfície do presente através de *links*, mecanismos

⁵ Os jornais têm sido utilizados sistematicamente como fontes históricas desde a década de 1980. Eles são considerados organizadores do tempo porque sua natureza periódica permite que cada nova edição se insira em uma série contínua, formando uma história que precede a análise historiográfica. Ao examinar um jornal, é fundamental considerar a série de edições anteriores, pois as notícias e matérias não estão isoladas, mas fazem parte de um conjunto maior, submetido a um ritmo. Isso permite que o historiador reintegre a notícia em um contexto mais amplo, compreendendo-a como continuidade, um evento surpreendente ou uma reviravolta. A combinação de “série” e “periodicidade” revela aspectos cruciais para a análise histórica (Barros, 2021).

de busca e indexações. Constitui-se, então, um arquivo digital onde notícias de diferentes datas habitam o mesmo espaço de visualização, suspendendo a irreversibilidade do tempo histórico tradicional. A expressão máxima disso, além dos próprios portais que armazenam as notícias publicadas, são os acervos digitais de jornais como *O Globo*, *Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, em que se pode acessar tanto edições do início do século XX quanto edições do século XXI.

A outra forma de heterotopia do tempo está relacionada à efemeridade, ao passageiro. Nesta categoria, Foucault insere as feiras e as férias. Paradoxalmente, também podemos alocar nesta categoria o jornalismo, e mais precisamente o jornal, uma vez que estão vinculados a uma faixa de tempo efêmera, configurando-se como uma espécie de saber imediato sobre o que se passa na realidade, geralmente circunscritos entre o hoje, o ontem e o anteontem (Marocco, 2004, p.83).

O efêmero é característica fundamental da prática jornalística, uma vez que as notícias são voláteis e há uma “busca Sisífica do derradeiro acontecimento, da ocorrência instantânea, das notícias de ‘última hora’” (Mateus, 2013, p.173). Isso configura um ciclo: a busca incessante pela atualidade torna os produtos noticiosos voláteis e perecíveis, ao mesmo tempo em que é justamente essa volatilidade que possibilita acompanhar os movimentos de um presente sempre renovado (Groth, 2011).

Por buscarem sempre o relato dos acontecimentos no presente e a simultaneidade entre o acontecimento e o relato, os jornais produzem uma temporalidade social sincrônica. Essa temporalidade não se limita a uma exigência técnica de rapidez ou atualização constante, mas opera como um princípio organizador da experiência social do tempo, ao reunir, em uma mesma edição, acontecimentos distintos, independentes entre si e espacialmente distantes. Para Benedict Anderson (2008), a justaposição desses fatos sob a mesma data cria um vínculo imaginário fundado na coincidência cronológica, fazendo com que sejam percebidos como partes constitutivas de um mesmo agora compartilhado.

O que os meios de comunicação fazem é nos oferecer o presente social. Sem eles, o presente social seria pobre e reduzido; seria apenas o da família, da vizinhança mais imediata, do ambiente de trabalho.

Graças aos meios, vivemos no mundo e sabemos um pouco do que está acontecendo em toda parte (Gomis, 1991, p.14, tradução nossa⁶).

Desse modo, o jornal vai além do registro do presente, construindo-o simbolicamente e oferecendo aos leitores uma narrativa cotidiana do mundo que avança de forma contínua, homogênea e irreversível. O jornalismo reforça o presente (Franciscato, 2005) pois contribui para a construção de uma concepção pública do que é atual. Ao se apresentar como um objeto fechado e autossuficiente, ainda que efêmero e destinado à obsolescência no dia seguinte, o jornal consolida-se como uma forma extrema do livro, cuja popularidade massiva e renovação diária instauram um ritual de consumo regular do presente e reforçam a centralidade da atualidade como valor estruturante do jornalismo moderno.

Marocco e Ramos (2015) ao se debruçarem sobre blogs de fotografia notam algo que pode ser transposto também aos portais de notícia contemporâneos. Os blogs e portais de notícias são espaços em que o conteúdo está organizado em uma ordem cronológica reversa, em que o último *post* — ou a última notícia — aparecem primeiro na *home*, destacando o seu caráter atual. De acordo com as autoras, é preciso que o ciclo desta publicação seja breve, para “que ‘desapareça’ em meio a outros conteúdos para bem marcar seu lugar no tempo. Concomitantemente, esse ‘desaparecimento’ deve fazer eco, ressonar, lançar-se no futuro. Deve, ao fim e ao cabo, operar num *continnum*. Na medida em que os conteúdos vão sendo atualizados nesses espaços, gera-se um arquivo cujas inúmeras e diferentes temporalidades se acumulam e se sobrepõem” (Marocco; Ramos, 2015, p. 102).

Isso também pode ser percebido nas plataformas sociais, como *Instagram* e *X*, largamente utilizado por jornais como uma maneira de divulgação das notícias. As redes sociais alteraram a forma de entrega do conteúdo, deixando de seguir uma ordem cronológica e privilegiando os conteúdos que o algoritmo considera mais relevantes para cada usuário. Embora exista a possibilidade de optar por uma linha do tempo

⁶ No original: “Lo que los medios de comunicación hacen es ofrecernos el presente social. Sin ellos, el presente social resultaría pobre y encogido, sería apenas el de la familia, la vecindad más inmediata, el medio de trabajo. Gracias a los medios, vivimos en el mundo y sabemos lo que está pasando un poco en todas partes” (Gomis, 1991, p.14).

cronológica, os usuários se habituaram a essa forma de consumo. Dessa forma, nem sempre a última postagem realizada por determinado jornal irá aparecer no topo dos *feeds*. Assim, a trama temporal se perde, e as informações “mais antigas” coexistem com as “mais novas”.

Para Marocco (2004), o jornalismo decimonômico funcionava como um dispositivo heterotópico porque conseguia justapor, no espaço delimitado da página impressa, realidades fragmentadas e espacialmente dispersas da superfície urbana. A autora afirma que, ao contrário das prisões, que acolhem fisicamente os corpos e cumpre um papel corretivo e simbólico, o papel do jornal era o que de produzir discursos sobre o cotidiano da cidade, “apresentando algumas de suas figuras em um espaço que está simultaneamente dentro e fora do espaço social tradicional” (Marocco, 2004, p. 84). A articulação operada pelo jornal diário criava uma imagem artificial, transparente e meticulosa da sociedade por meio de uma fala que, embora efêmera, estabelecia uma ordenação temporal rígida entre o hoje, o ontem e o anteontem.

Contudo, quando olhamos sob o prisma do jornalismo digital, percebe-se que a natureza dessa heterotopia se modifica de forma essencial. Se no modelo observado por Marocco (2004) o dispositivo dependia de um suporte físico fechado e autossuficiente para isolar o tempo e fixar os desvios, o ecossistema digital muda essas marcas. O jornalismo digital já não mais precisa do período entre as edições impressas, agora, o arquivo eterno e o acontecimento instantâneo estão em uma mesma superfície de rede, fragmentados em uma multiplicidade de tempos subjetivos, onde a própria experiência da atualidade passa a ser reconfigurada a cada atualização do *feed*. A heterotopia jornalística se intensifica, pois o presente passa a ser continuamente reconfigurado por camadas técnicas que modulam a experiência temporal, comprimindo intervalos, sobrepondo temporalidades e ampliando a sensação de simultaneidade. Como heterotopia de tempo, o jornalismo reflete acontecimentos enquanto os reorganiza de modo a transformar o fluxo contínuo do tempo em um presente compreensível e que pode ser compartilhado.

A lógica acelerada e contínua do jornalismo digital, em que a produção de notícias acontece em um fluxo 24/7, corrobora a análise de David Harvey (2012) sobre compressão tempo-espaço. Harvey observa que, na transição para formas flexíveis de

produção, os processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo nos forçam a alterar radicalmente o modo como representamos o mundo para nós mesmos. Ou seja, a constante atualização das notícias faz com que cada evento seja consumido como se ocorresse no mesmo presente coletivo. Essa lógica intensifica o colapso do tempo subjetivo descrito por Harvey em que o indivíduo contemporâneo passa a vivenciar o mundo numa espécie de presente contínuo, no qual passado e futuro imediatos são sucessivamente preteridos. “A volatilidade e a efemeridade também tornam difícil manter qualquer sentido firme de continuidade. A experiência passada é comprimida em algum presente avassalador” (Harvey, 2012, p.263).

Esse fenômeno reconfigura profundamente nossa percepção do presente e do real. Na contemporaneidade, o presente deixa de ser um instante delimitado e concreto. Como Castells (2011) sugere, surge um tempo intemporal em que a comunicação instantânea rompe a linearidade cronológica. O jornalismo digital alimenta essa nova temporalidade ao apresentar o agora como uma corrente ininterrupta de atualizações, em que cada notícia publicada reinventa instantaneamente o sentido do presente. Neste cenário, o real perde um vínculo estável, ou seja, eventos passados rapidamente dão espaço a novas ocorrências, e o valor do último acontecimento é medido pela rapidez de sua veiculação.

Vivemos uma experiência de tempo marcada por um presente no qual objetos e práticas estão sempre voltados para a busca de uma renovação intermitente. Esse fluxo contínuo dá ênfase a efemeridade do real e dilui fronteiras entre o que é atual e o que foi recentemente passado. A compressão tempo-espaço de Harvey (2012) contribui para moldar um olhar contemporâneo onde o presente é intensamente mediatizado e o real adquire contornos líquidos e transitórios.

Os jornalistas tradicionalmente dão alto valor a serem os primeiros a divulgar novas informações. Edições extras, flashes de notícias e interrupções de programas para informações novas importantes, tudo isso testemunha o desejo de apresentar as informações mais recentes ao público. Muitas histórias ficam desatualizadas e não podem ser usadas se não houver espaço no produto de notícias para elas no dia em que ocorrem (Edy, 1999, p.74, tradução nossa⁷).

⁷ No original: “the fact that news media make use of historical events at all is somewhat counter intuitive. Journalists have traditionally placed a high value on being the first to publicize new information. Extra

A mídia reproduz o agora, e também o configura, impondo ritmos, hierarquias de importância e construções narrativas que podem aproximar o público de um senso de urgência ou, de maneira contrária, induzi-lo a uma passividade anestesiada. Groth (2011) afirma que o atual no jornalismo não é, necessariamente, objetivamente atual no tempo. Algo que aconteceu há algum tempo pode ainda ser de interesse do público, tendo repercussões no presente. Ao mesmo tempo, como afirma Marocco (2004), assim como não se pode entrar em um “lugar heterotópico”, nem todos os acontecimentos são considerados assuntos jornalísticos e não viram notícia. Tal como o espelho, que é ao mesmo tempo uma utopia e uma heterotopia, o jornal cria um lugar no qual aquilo que está do outro lado — o acontecimento bruto, em seu contexto original — aparece deslocado no tempo, sem a densidade de seus fatores históricos, sociais e espaciais.

3 CONSIDERAÇÕES: O JORNALISMO DIGITAL COMO HETEROTOPIA

Diante de todas as transformações analisadas, é evidente que o jornalismo, além de acompanhar as mudanças nas estruturas temporais da sociedade contemporânea, também as impulsiona e intensifica. Ao se constituir como uma prática centrada no tempo presente, o jornalismo reforça uma lógica de atualização constante que atravessa as formas de produzir, consumir e interpretar a informação. Essa centralidade no agora o torna um campo fértil para a reflexão sobre as temporalidades do mundo digital, em que o passado é rapidamente descartado e o futuro se torna uma antecipação ansiosa. A efemeridade, característica já presente no jornalismo impresso do século XIX, se potencializa no ambiente digital, que exige respostas imediatas, visibilidade constante e renovação ininterrupta. No entanto, como explorado neste trabalho, esse mesmo jornalismo, ainda que orientado pela urgência, carrega também a potência de arquivar, lembrar e reinscrever sentidos sobre o tempo vivido.

O jornalismo digital, nesse contexto, pode ser compreendido como uma heterotopia temporal — um espaço outro que abriga simultaneamente múltiplas

editions, news flashes, and program interruptions for important new information all testify to a desire to present the latest information to audiences. Many stories go out of date and cannot be used if there is no space in the news product for them on the day that they occur” (Edy, 1999, p.74).

camadas de tempo e produz efeitos de presença e ausência, de memória e esquecimento. Ao mesmo tempo em que é possível ler a notícia mais recente de um jornal, é possível ler uma notícia de anos atrás.

Ao organizar o fluxo contínuo de acontecimentos em recortes significativos, o jornalismo não apenas espelha o presente, mas o modela, oferecendo versões particularizadas da realidade. Além disso, ao operar em um ambiente digital atravessado por algoritmos e redes sociais, esse espelho se multiplica e se fragmenta, criando realidades paralelas que nem sempre dialogam entre si. Assim, o jornalismo se torna um dispositivo de mediação temporal e simbólica que, em vez de apenas reportar, participa ativamente da construção da experiência social do tempo.

A aceleração que atravessa o jornalismo contemporâneo altera o regime de circulação das notícias e interfere nas condições subjetivas de experiência do tempo. A perda do “tempo de compreender” de Lacan (1998), substituído por uma sequência de decisões instantâneas, aproxima a vida social de uma temporalidade sem duração, marcada por impulsos e satisfações imediatas. Como sugerem as reflexões sobre memória e duração, a experiência humana depende de uma espessura temporal que não pode ser reduzida à medição dos relógios. Quando o tempo se torna exclusivamente um recurso a ser explorado e otimizado, algo do valor do vivido se perde.

Quando os acontecimentos se sucedem sem intervalo, sem duração suficiente para elaboração, eles deixam de se inscrever como experiência e passam a operar como choque. O fluxo contínuo de atualizações jornalísticas, ao privilegiar a novidade permanente, contribui para essa lógica, já que cada notícia substitui a anterior antes que possa ser plenamente assimilada. Além de potencializar o esquecimento, esse regime de aceleração fragiliza a capacidade de atribuir sentido ao presente.

Ao selecionar o que merece ser atualizado, ao dar visibilidade a certos acontecimentos e ao manter outros em circulação, o jornalismo participa da configuração da experiência coletiva do presente. Se, por um lado, o jornalismo digital contribui para a obsolescência acelerada do passado e para a sensação de um presente contínuo, por outro, ele conserva a capacidade de arquivar, rememorar, reinscrever e recontextualizar acontecimentos. Isso significa que pensar o tempo do jornalismo é também pensar as formas pelas quais o mundo contemporâneo se torna inteligível,

compartilhável e narrável. É justamente nessa tensão que se inscreve sua dimensão heterotópica. O jornalismo digital abriga temporalidades distintas, produzindo simultaneamente efeitos de presença e ausência, permanência e desaparecimento, lembrança e esquecimento.

Em um contexto marcado pela aceleração e pela multiplicação dos fluxos informativos, investigar as formas pelas quais o jornalismo organiza o tempo torna-se fundamental para compreender não apenas suas transformações internas, mas também seus efeitos sobre a experiência social. Ao entender o jornalismo digital como heterotopia temporal, atualizando a percepção de Marocco (2004), este trabalho busca contribuir para os estudos de jornalismo oferecendo uma perspectiva que ilumina a relação entre prática jornalística, regime de temporalidade e experiência contemporânea do presente.

Diferentemente do jornalismo do século XIX que “pode ser considerado um ‘dispositivo heterotópico’, que possibilitava o isolamento da vagabundagem assim como a criação de um conjunto heterogêneo de elementos discursivos ou não discursivos que a constituíam em um espaço que a configurava e multiplicava” (Marocco, 2004, p. 85), o jornalismo digital pode ser considerado um dispositivo heterotópico por ser um espaço de armazenamento de informações e de preservação de vestígios do passado, atuando como um dispositivo temporal que produz ritmos, regula urgências e redefine as formas de presença do acontecimento. Ao aproximar heterotopia, heterocronia, temporalidade jornalística e aceleração, este artigo oferece uma chave analítica para compreender como o jornalismo participa da constituição do tempo social, uma vez que ele fabrica o presente como um regime compartilhado de experiência.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 330 p.

BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas – uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa de História**, [s. l.], v. 51, p. 397-419, 2021. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/rph/article/view/8691>. Acesso em: 14 jul. 2025.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. [S. l.]: Paz e Terra, 2011. 698 p. v.1.

COSTA, R. M. de B.; CARVALHO, C. P. de . Jornalismo e redes sociais: novas práticas e reconfigurações. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 24, 2021. DOI: 10.5216/ci.v24.62507. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/62507>. Acesso em: 14 jul. 2025.

DALMONTE, E. F. Presente: o tempo do jornalismo e seus desdobramentos. **História**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 328–344, 2010.

DUARTE, Jorge *et al.* Mídias Sociais online e prática jornalística: um estudo em Santa Catarina. **Universitas: Arquitetura e Comunicação Social**, [s. l.], v. 13, ed. 1, p. 1-10, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/arqcom/article/download/3854/3137>. Acesso em: 19 jun. 2025.

EDY, Jill. Journalistic Uses of Collective Memory. **Journal of Communication**, v. 49, n. 2, p. 71-85, 1999. Disponível em: <https://academic.oup.com/joc/article-abstract/49/2/71/4110077>. Acesso em: 16 jul. 2025.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. **Estudos Avançados**, [s. l.], v. 27, ed. 13, p. 113-122, 2013. Disponível em: <https://revistas.usp.br/eav/article/view/68705>. Acesso em: 14 jul. 2025.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**: Como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. Aracaju: Editora UFS, 2005. 274 p.

GOMIS, Lorenzo. **Teoría del periodismo**: cómo se forma el presente. Barcelona: Paidós, 1991. 212 p.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamento da Ciência dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. 348 p.

KOŁODZY, Janet. Convergence explained. In: GRANT, August; WILKINSON, Jeffrey. (org.). **Understanding media convergence**. New York: Oxford University Press, 2008. p. 31-51.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MAROCCO, Beatriz. A heterotopia jornalística. In: MAROCCO, Beatriz. **Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MAROCCO, Beatriz; RAMOS, Júlia Capovilla Luz. Heterotopias Fotojornalísticas. **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 88–106, 2016. DOI: 10.5752/P.2237-9967.2015v4n1p88-106. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/11347>. Acesso em: 12 jul. 2026.

MATEUS, Samuel. O Presenteísmo: meditações atuais sobre comunicação e temporalidade. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**, [s. l.], v. 15, ed. 3, p. 170-181, set./dez. 2013.

Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2013.153.03>.
Acesso em: 14 jul. 2025.

MAZZOLA, Renan Belmonte. **Análise do discurso e ciberespaço: Heterotopias contemporâneas**. 2010. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, [S. l.], 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/ba704819-10ae-4e27-8523-244fc34bb738>. Acesso em: 21 jul. 2026.

MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação** - Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo. Florianópolis: Insular, 2001.

STORCH, Laura; GUEDES, Eduardo Rosa. Reflexos sociotemporais da pandemia de Covid-19 no jornalismo: processos de aceleração e desaceleração do Tempo Social. **Simbiótica**, Vitória, v. 8, n. 3, p. 57-80, out. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/36812>. Acesso em: 14 jul. 2025.

ZAMITH, R.; BRAUN, J.A. Technology and journalism. In: VOS, T. P.; HANUSCH F. (Eds). **The International Encyclopedia of Journalism Studies**. New York. JohnWiley & Sons, 2019.

Original recebido em: 03 de fevereiro de 2026

Aceito para publicação em: 31 de julho de 2026

Luísa Michels Surdi

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR) da UFSC e bolsista do CNPq. Graduada pela mesma instituição. Pesquisa a relação entre as temporalidades jornalísticas, o tempo social e a aceleração social.

Beatriz Marocco

Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1971), mestrado em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997) e doutorado em Periodismo y Ciencias de La Comunicación - Universitat Autònoma de Barcelona - UAB (2002). Atualmente é professora visitante da Universidade Federal de Santa Catarina 2024/2025. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Teoria e Ética do Jornalismo, atuando principalmente nos seguintes temas: jornalismo, comunicação, discurso jornalístico, Foucault e acontecimento.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional